

Curso de Extensão – Departamento de Filosofia

Experiência e subjetividade

1. Docentes do curso: Profa. Dra. Débora Morato Pinto; Prof. Dr. Fernão Oliveira Salles; Prof. Paulo Licht dos Santos; Prof. Dr. Pedro Fernandes Galé (todos do Departamento de Filosofia – UFSCar).

2. Proposta geral:

O curso visa apresentar aos participantes as mudanças em relação ao âmbito do pensamento acerca da experiência e suas consequências em torno da construção da subjetividade moderna e contemporânea. Considerada como capacidade inferior do espírito, a sensibilidade e sua direta relação com a experiência se fez avançar como faculdade geradora de conhecimentos. O trajeto proposto pretende apresentar cinco momentos dessa emergente abordagem da sensibilidade e seu papel central na formação da subjetividade moderna. O curso será apresentado em cinco aulas expositivas sobre movimentos e abordagens das questões que a noção e o funcionamento da experiência evidenciam.

3. Público:

O curso se destina a todo o público da UFSCar e ao público em geral: graduação, pós-graduação e público interessado em filosofia. Não há cobrança de taxas. O critério de seleção é a ordem de inscrição no curso. Não haverá avaliação. Público total: 30 vagas.

4. Cronograma e resumo das aulas:

Período: 21/05 - 25/06 (às quintas-feiras) – Das 14:30 às 16:30 (10 h)

Aula 1 – Condillac e a Experiência – Prof. Dr. Fernão Oliveira Salles (25/05)

O século XVIII é visto por muitos como momento de triunfo do empirismo. O século das luzes, porém, não se reduziu à promoção pura e simples da experiência a fundamento de nossas ideias e fiadora do conhecimento humano. As filosofias do Iluminismo debruçaram-se sobre a experiência problematizando as condições, os limites e o estatuto do conhecimento dela derivado. No interior desse debate, talvez um dos casos mais interessantes seja o da filosofia de Condillac, que vamos abordar aqui. Embora pouco estudado no Brasil, esse filósofo repercutiu consideravelmente entre seus contemporâneos sendo, no dizer de Franklin de Matos, o filósofo que forneceu, junto com Locke, a teoria do conhecimento do Iluminismo Francês. Não que sua filosofia tenha se tornado a “filosofia oficial” das Luzes Francesas, mas ela estabeleceu questões e problemas, constituindo-se como um marco importante no debate da Ilustração. Dentre elas, a que nos interessa em especial aqui é a relação entre experiência, conhecimento e linguagem que Condillac abordou de forma original e inovadora.

Aula 2 – Kant e a emergência da subjetividade – Prof. Dr. Paulo Licht dos Santos (28/05)

Kant publicou em 1768 o ensaio *Do primeiro fundamento da distinção das regiões no espaço*. O ensaio antecede as três obras principais de Kant, a *Crítica da razão pura*, a *Crítica da razão prática* e a *Crítica da Faculdade de Julgar*. Ainda que breve e considerado texto “pré-crítico”, o ensaio de 1768 abre uma perspectiva fecunda para entender alguns pontos da filosofia crítica, em particular, a reflexão kantiana sobre o espaço e sobre a noção de subjetividade. Mais importante, o texto permite ver o modo de filosofar de Kant ao longo de seu trajeto. Não por acaso o problema investigado pelo ensaio será retomado por Kant em outras ocasiões e por filósofos posteriores. O ensaio de 1768 pode mostrar, assim um modo de filosofar que não se esgota conceitualmente em um determinado período da história da filosofia.

Aula 3 – Estética, experiência e subjetividade – Prof. Dr. Pedro Galé (04/06)

Baumgarten, fundador da disciplina filosófica da estética, a definiu nos seguintes termos: “teoria das artes liberais, teoria do conhecimento inferior, arte do belo pensamento, arte do análogo da razão” que seria “a ciência do conhecimento sensível” (Baumgarten, 2007, p. 12-13). A abordagem da disciplina filosófica da estética em seu período de nascedouro, onde se supera o discurso das doutrinas da antiguidade e do renascimento, coincide com um momento de rara pregnância no sentido das abordagens e incorporações da experiência artística e da própria filosofia. A estética mesma demonstra as fissuras e falta de unicidade dos discursos da chamada Filosofia do iluminismo, apresentando um debate muito rico que se moveria entre sujeito, experiência estética e obra de arte. Pensar alguns movimentos do pensamento estético a partir de meados do século XVIII é pensar um dos aspectos centrais da própria emergência da subjetividade moderna.

Aula 4 – Bergson filósofo da experiência – Profa. Dra. Débora Morato Pinto (18/06)

A filosofia francesa do século XX propõe de diversos modos reconduzir as análises sobre a teoria do conhecimento e a ontologia à sua origem sensível, isto é, à experiência. Encontramos em Bergson a matriz de vertentes que recusam as versões empiristas e racionalistas da modernidade e procura descrever fielmente a experiência consciente evitando contaminá-la com categorias prévias. Em sua obra, trata-se de partir da vivência direta da experiência interior e investigar que aspectos nós experimentamos efetivamente. Ao explorar a significação da experiência vivida, o filósofo encontra nos sentimentos estéticos, sugeridos e não causados, a manifestação fiel da vida consciente, isto é, da temporalidade ou da duração, conceito central à sua metafísica. A arte ocupa então um lugar privilegiado na reforma metodológica indicada para superar impasses da filosofia através da intuição. Partindo da vida interior, Bergson amplia a intuição da duração através do estudo da percepção exterior, do corpo, da memória e da vida. Em todos os casos, a experiência revela a passagem do tempo em si mesmo, a duração sentida como estofado do real.

Aula 5 – Experiência e racionalidade: A fenomenologia de Merleau-Ponty – Profa. Dra. Débora Morato Pinto (25/06)

A tentativa de oferecer a descrição direta da experiência tal como ela é (e que exige partir da articulação interna entre consciência e natureza) é assumida pelo principal nome da

fenomenologia francesa, Maurice Merleau-Ponty. Com a intenção de tomar a sério as lições de Husserl, temperadas pela influência de Heidegger e de Bergson, o autor encontra no comportamento e na percepção os dois fenômenos diretamente visados para dar conta da superação dos impasses do intelectualismo e do empirismo modernos. Ambas as vertentes permaneceram prisioneiras da abstração que afastou a filosofia da concretude e, assim, da vida. Para o fenomenólogo, trata-se de recuperar a dimensão da experiência humana como dada no mundo, na articulação intrínseca entre o sujeito e o objeto, a camada vivida irreduzível à interioridade e à exterioridade. A filosofia deve, portanto, instalar-se no saber cujos horizontes são abertos pela percepção, isto é, na dimensão originária e pré-predicativa da consciência. Nesse projeto, o corpo, a motricidade e o tempo serão fatores decisivos.

5. Curso Virtual

O curso será ofertado pela plataforma *Google Meet*. Antes do curso, será enviado por e-mail, a todos inscritos, o link para acesso on-line às aulas.

6. Inscrições

As inscrições devem ser feitas pelo e-mail: deboramp@ufscar.br, até sexta 15/05/2020

Informações obrigatórias: nome e CPF do aluno;

Informações suplementares: escolaridade e profissão

Manifestação de interesse (quatro linhas no máximo)

7. Bibliografia

BERGSON, H. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. São Paulo: Edipro, 2020.

BAUMGARTEN, A. G. *Estética*, Editora Vozes, (tradução Miriam Sutter Medeiros). Petrópolis, 1992.

CASSIRER, E. *A filosofia do iluminismo*. Editora Unicamp. Campinas, 1993.

CONDILLAC, E. *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos: seguido de Arte de escrever*. SP: Editora da UNESP, 2018.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. de Alexandre F. Morujão e Manuela P. dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

_____. *Crítica da razão pura*. Trad. de Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. “Do primeiro fundamento da distinção das regiões no espaço”. IN: Espaço e pensamento. Org. Marcio Suzuki; trad. de Márcio Suzuki e outros. São Paulo: Editora Clandestina 2019. Disponível em:

[https://5549e55e-94de-4f3c-8552-](https://5549e55e-94de-4f3c-8552-ca9b392d3230.filesusr.com/ugd/3adc88_5263a65320a7423c9b4eb9297e1da84a.pdf)

[ca9b392d3230.filesusr.com/ugd/3adc88_5263a65320a7423c9b4eb9297e1da84a.pdf](https://5549e55e-94de-4f3c-8552-ca9b392d3230.filesusr.com/ugd/3adc88_5263a65320a7423c9b4eb9297e1da84a.pdf) Acesso em: 04 de maio de 2020.

WORMS, F. A concepção bergsoniana do tempo. *Dois pontos*, Revista de Filosofia da UFSCar e UFPR, vol.1, n° 1, 2004.